

## Os estágios da vida cristã

Em sua epístola aos coríntios, Paulo afirma que considerava os coríntios imaturos espiritualmente, sendo obrigado por isso a tratá-los como crianças espirituais (1Co 3.1,2). A mesma metáfora a respeito da relação entre nutrir-se com “leite” e a imaturidade espiritual é utilizada em Hebreus 5.12,13, passagem na qual o autor mostra que aquele que ainda se alimenta de leite é uma criança espiritual. Pedro insiste com seus leitores para que eles bebam do leite genuíno da bondade de Deus e assim possam crescer sadios e maduros na fé (1Pe 2.1-3).

Primeiramente, se tomarmos essas passagens juntamente com a metáfora do novo nascimento descrita por Jesus no capítulo 3 do Evangelho de João – nascer do Espírito e nascer do alto – vamos compreender que todo aquele que nasce em Cristo é chamado para crescer em Cristo, assim como um bebê que nasce deve agora se desenvolver. Mas para se desenvolver, esse novo nascido precisa se alimentar de leite espiritual, precisa nutrir sua alma para poder desenvolver sua capacidade de absorver nutrientes mais fortes e continuar crescendo. Nascer e não se desenvolver é antinatural e perigoso, tanto no nascimento natural quanto no espiritual. Aquele que nasce deve crescer e amadurecer.

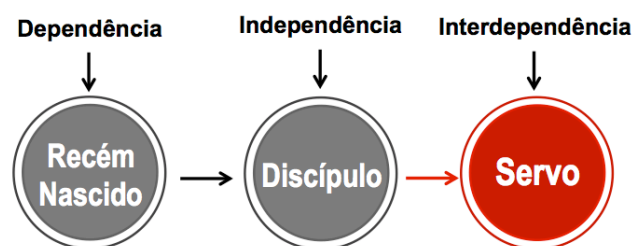
Em segundo lugar, podemos compreender que existem diferentes níveis de maturidade cristã. Paulo, em sua epístola aos efésios, afirma que o Senhor Jesus concedeu dons a igreja para que possamos nos edificar mutuamente e crescer até atingirmos a maturidade. E qual é o padrão para a nossa maturidade: a medida da plenitude de Cristo (Ef 4.13). Jesus é a medida de nossa maturidade espiritual: quanto mais semelhantes a Jesus o Espírito de Deus nos faz em nossa maneira de pensar, de sentir e de agir, mas maduros somos espiritualmente. Paulo deixa claro que o propósito de Deus para nós é que não sejamos como crianças, pessoas espiritualmente imaturas e inconstantes (Ef 4.14). Mas como descobrir em que nível de maturidade estamos em determinado momento da caminhada cristã?

Nesse ponto algumas questões muito complexas saltam a mente e ao coração: existem maneiras de medir a espiritualidade das pessoas? Se somos tão diferentes, como usar uma mesma “medida espiritual” para medir a todos nós? Apenas preencher uma série de atividades – ir a igreja, orar, dizimar – indica alguma espiritualidade ou não há nenhuma relação entre essas coisas e nosso nível de maturidade espiritual?

Recentemente foi utilizado um modelo de maturidade espiritual em uma pesquisa em várias igrejas norte-americanas: Explorando o cristianismo ; Crescendo em Cristo; Íntimo de Cristo; Centrado em Cristo.<sup>1</sup> A grande questão é que esse modelo pressupõe que existem níveis bem definidos de maturidade, além do que é muito difícil definir indicadores para se verificar em qual nível se está.

Stephen Covey sugere um modelo de maturidade que é desenvolvido em torno de grandes movimentos, indo da dependência para a independência para a interdependência.<sup>2</sup> Podemos fazer uma tentativa de adaptação desse modelo para fins pedagógicos. Covey afirma que o primeiro estágio é marcado por uma profunda dependência: o novo nascido depende que outras pessoas lhe expliquem as Escrituras, orem com ele e por ele, depende da reflexão do púlpito e das programações da igreja para manter sua comunhão com Deus. O segundo estágio é marcado pela independência: o discípulo já consegue nutrir seu relacionamento com Deus sozinho, lendo as Escrituras e falando com o Pai, desenvolvendo seus dons e se aplicando para aprofundar o conhecimento bíblico e as práticas da vida cristã. Contudo, o estágio de maior maturidade é o da interdependência: neste momento da vida espiritual o discípulo escolhe se submeter a vida comunitário, escolhendo estar em uma relação de interdependência com outros discípulos. Ele escolhe colocar servir a comunidade com seus dons. Como destaca Covey, “a interdependência é uma escolha que só pessoas independentes podem fazer”.<sup>3</sup>

Adaptando esses movimentos, podemos ver que todo cristão inicia sua jornada como um bebê espiritual, um novo nascido, em um momento marcado pela dependência espiritual em um dado sentido. Esse novo nascido deve se



<sup>1</sup> Disponível em <http://brewright.blogspot.com.br/2007/11/willow-creeks-reveal-study-ii.html>> Acessado em 10 de agosto de 2015.

<sup>2</sup> COVEY, Stephen. *Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes* – 53a Edição. Rio de Janeiro: Best Seller, 2015, p.79

<sup>3</sup> COVEY, Stephen. *Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes* – 53a Edição. Rio de Janeiro: Best Seller, 2015, p.81

aplicar para conseguir alguma autonomia em sua vida cristã: aprender a meditar nas Escrituras e manter sua vida de oração, congregar com regularidade e aprender outras práticas que aprofundem seu relacionamento com Deus. O novo nascido deve passar da dependência para a independência a fim de se tornar um discípulo de Cristo que reproduz o caráter e a vida de Cristo. No entanto, esse não é o ponto final da maturidade cristã, pois o grande desafio do discípulo é se tornar um servo assim como Jesus: servir a comunidade com seus dons, dedicando tempo, dons, recursos financeiros e outros para edificar o corpo de Cristo. Isto significa dizer que o estágio de maior maturidade é o da interdependência na vida cristã, quando o discípulo amadureceu a ponto de servir e se sujeitar ao outro em amor.

A grande questão é que todo aquele que pretende servir na comunidade cristã – ocupar um cargo, ser eleito para alguma função, liderar um ministério ou um projeto – mas não amadureceu seu relacionamento pessoal com Deus não conseguirá servir como Jesus: com amor sincero e pelos motivos corretos. Dessa forma, a igreja sofre quando pessoas que são imaturas espiritualmente são alçadas a lugares de liderança, pois estas pessoas ainda não estão maduras para se sujeitarem em amor as pessoas que estão servindo/liderando. Dessa forma, conflitos se tornam inevitáveis e o resultado é dor e relacionamentos quebrados. Novamente citando Covey, “a interdependência é uma escolha que só pessoas independentes podem fazer”.<sup>4</sup>

## As Disciplinas Espirituais

As Disciplinas Espirituais são o caminho para o estágio da independência e da interdependência, pois são práticas com as quais o recém nascido se compromete a fim de beber o leite da graça de forma constante e abundante a fim de crescer em Cristo. As Disciplinas são as práticas que permitem ao recém nascido se tornar maduro e saudável. Mas afinal, o que são as Disciplinas Espirituais? Richard Foster afirma que “Deus concedeu-nos as disciplinas da vida espiritual como um meio de recebermos sua graça. As disciplinas permitem que nos apresentemos diante de Deus, a fim de que ele possa nos transformar”.<sup>5</sup> Em outras palavras, as disciplinas são práticas que nos permitem nos lançarmos de encontro aos meios de graça que o Senhor dispôs para o nosso crescimento: as Escrituras, a via da oração, os sacramentos. É importante lembrar que “por si mesmas, as disciplinas espirituais nada podem fazer, exceto levar-nos ao ponto em que algo pode ser feito”.<sup>6</sup>

Dessa forma, a base das disciplinas é o fato de que há um Deus amoroso desejoso de derramar sobre nós sua graça e as disciplinas então nos ensinam a abrir o coração para essa graça. Ao longo da história da igreja os homens de Deus as chamaram “disciplinas” a fim de enfatizar algumas coisas importantes. A primeira é de que “existem coisas para nós fazermos”,<sup>7</sup> ou seja: é nossa responsabilidade! A segunda ideia que a palavra lembra é que uma disciplina não é feita uma vez hoje e outra vez quando der: há uma disciplina, um hábito diário envolvido, um planejamento para separar hora e local para expor o coração aos meios de graça. Bill Hybels afirma que para permanecermos conectados com Deus devemos alocar um tempo para estar com ele diariamente, todos os dias!<sup>8</sup> Isso parece algum tipo de legalismo, mas como destaca Bonhoeffer, “isso não tem nada a ver com legalismo, isso é disciplina e fidelidade”.<sup>9</sup> A terceira é de que a disciplina na vida espiritual me capacita para aprofundar meu relacionamento com Deus indo a níveis mais profundos na vida de meditação e de oração. Plantinga nos lembra que “assim como nos esportes e na música, a disciplina espiritual tem uma razão. Qualquer um pode tocar um instrumento, mas somente a pessoa disciplinada pode fazê-lo com liberdade. Disciplina é a base e a pressuposição tanto da liberdade quanto do poder”.<sup>10</sup> Quando oramos com disciplina, vemos nossa vida de oração se aprofundar cada vez mais, saindo da superficialidade.

Por fim, a ideia de disciplina lembra um certo rigor doloroso: “As disciplinas espirituais (oração, estudo, meditação, confissão) parecem dolorosas, e elas realmente são! Mas são também uma alegria. Elas aparentam nos subjugar, e elas conseguem isso, mas subjagam as nossas restrições interiores – os desejos que nos direcionam aleatoriamente, se eles não forem subjugados. Nesse sentido, essas disciplinas, na realidade, abrem a porta para a liberdade [...] Resumindo, as disciplinas nos fazem cidadãos de primeira linha do reino, por que elas nos ajudam a nos tornarmos mais fortes e profundos”.<sup>11</sup>

Podemos dizer que nossa maturidade espiritual é o resultado da disciplina com que nos aplicamos aos meios de graça. Por sua vez, as disciplinas são hábitos que exigem prática constante e para conseguir isso precisaremos de planejamento e o tempo todo fazer escolhas que priorizem nosso relacionamento com Deus.

<sup>4</sup> COVEY, Stephen. *Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes* – 53a Edição. Rio de Janeiro: Best Seller, 2015, p.81

<sup>5</sup> FOSTER, Richard. *Celebração da Disciplina*. São Paulo: Ed. Vida, 2007, p.36

<sup>6</sup> FOSTER, Richard. *Celebração da Disciplina*. São Paulo: Ed. Vida, 2007, p.37

<sup>7</sup> FOSTER, Richard. *Celebração da Disciplina*. São Paulo: Ed. Vida, 2007, p.37

<sup>8</sup> HYBELS, Bill. *Simplifique*. São Paulo: Vida, 2014, p.53

<sup>9</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão* – 3. Ed. Rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p.67

<sup>10</sup> PLANTINGA, Cornelius. *Não era para ser assim*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p.48

<sup>11</sup> PLANTINGA, Cornelius. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.126